

**A *parresía* cínica em Diógenes de Sinope**

The cynical *parresía* in Diógenes of Sinope

Pablo Soares Silva

Mestre em Filosofia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)

[pablo.soasilva@gmail.com](mailto:pablo.soasilva@gmail.com)

<http://lattes.cnpq.br/8534073083085187>

**Resumo**

Trabalhando o conceito de *parresía* presente na obra *A Coragem da Verdade*, de Michel Foucault, o artigo visa abarcar uma análise do conceito encontrado na vida do filósofo cínico Diógenes de Sinope analisado sob o prisma da concepção de filosofia como forma de vida, analisado por Pierre Hadot. Neste sentido, procuramos compreender a filosofia de Diógenes, sobretudo seu aspecto parresiástico, como forma constituinte do sujeito, ou seja, sua própria vida como um modo de expressar sua filosofia; como um sujeito que, ao utilizar a *parresía*, fez de seu falar franco a sua filosofia como forma de vida. Neste sentido, compreendemos Diógenes como um filósofo que procurou ser livre e que condenava grande parte das convenções sociais de sua época.

**Palavras-chave:** Parresía. Cinismo. filosofia como forma de vida.

**Abstract**

Working with the concept of *parrhesia* present in Michel Foucault's *The Courage of Truth*, the article aims to cover an analysis of the concept found in the life of the cynic philosopher Diogenes de Sinope analyzed from the perspective of the conception of philosophy as a way of life analyzed by Pierre Hadot. In this sense, we look for the comprehension of Diogenes' philosophy, above all its parrhesiastic aspect, as a constituent form of the subject, that is, his own life as a way of expressing his philosophy, as a subject who, using parrhesia, made his speaking frank his philosophy as a way of life. In this sense, we understand Diogenes as a philosopher who tried to be free and who condemned most of the social conventions of his time.

**Keywords:** Parrhesía. Cynicism. Philosophy as a way of life.

## 1. Introdução


Neste presente artigo, pretendemos explorar a filosofia cínica, mais especificamente naquela figura que é considerada a mais representativa desta escola: Diógenes de Sinope. Pretendemos, sobretudo, analisar aspectos de sua filosofia, especialmente a noção de *parresía*, questão que julgamos ser de suma importância para o filósofo em questão.

Utilizaremos como bibliografia principal os seguintes livros em nossa investigação: a obra de Michel Foucault, *A coragem da verdade*, o livro de Luis E. Navia, *Diógenes, o cínico*, também utilizaremos as obras de autoria de Pierre Hadot, *Exercícios espirituais e Filosofia antiga* e *O que é a Filosofia antiga?* É importante destacar que no livro de Luis Navia está presente o retrato de Diógenes, traçado por Diógenes Laércio, que realizou, como se sabe, os retratos de vários filósofos da Antiguidade. Outro fator que destacamos em nossa análise a respeito da filosofia de Diógenes é que teremos também em mente as lições de Pierre Hadot e Michel Foucault, que entendiam a filosofia antiga como uma forma de vida, ou seja, a filosofia do sujeito serviria como uma maneira de constituição do próprio sujeito, implicando uma forma de vida; a filosofia era parte constituinte de uma prática de vida.

Assim, neste presente escrito vamos analisar a obra de Luis E. Navia que trata especificamente sobre Diógenes de Sinope e, ao realizar essa análise, levaremos também em consideração as lições de Hadot, como já havíamos destacado, e as investigações de Foucault, que na obra *a Coragem da verdade* investigou as implicações do modo de vida cínico, identificando esta como parte essencial da própria filosofia cínica. Como ensina Hadot no próprio termo filosofia, uma das palavras que a compõe *philo* implica em alguém que encontra sua realização ou razão de viver:

De maneira geral, desde Homero, as palavras compostas em *philo-* serviam para designar a disposição de alguém que encontra seu interesse, seu prazer, sua razão de viver, na dedicação a essa ou àquela atividade: *philo-posia*, por exemplo, é o prazer e o proveito que se tem ao beber, *philo-timia* é a propensão para angariar honras, *philo-sophia* será, portanto, o interesse pela *sophia*. (Hadot, 2014a p. 37).

Assim, a vida pela *sophia*, pelo saber, será a razão de viver daquele que a ama, ou seja, da *philo-sophia*, aquele que se dedica a buscar a sabedoria, a *sophia*. Portanto, a busca pelo saber deverá implicar sua dedicação e sua razão de viver. Não será a construção de um discurso, apenas, mas uma maneira de constituição de sua vida. Assim se dará com Diógenes, talvez em um nível ainda mais alto.



Nossa investigação deterá grande atenção à questão da *parresía* presente na filosofia de Diógenes, porém, como não poderia ser diferente, abordaremos outros aspectos da obra do filósofo, pois parece claro para nós que a filosofia de Diógenes foi indissociável de sua própria vida; sua vida foi sua filosofia. Assim, é praticamente impossível nos prendermos em apenas um aspecto de sua prática filosófica. Filosofia e vida expressam uma relação de imbricação e somente a análise das duas permitem a compreensão da filosofia de Diógenes de Sinope.


Nosso interesse em Diógenes visa uma melhor compreensão de uma filosofia que pode parecer, a nós, hoje, muito estranha. Porém, é justamente nessa estranheza que se destaca a filosofia do cínico, a sua autenticidade enquanto ser que se constitui enquanto filósofo no agir, no falar sem melindres e sem amarras. Sua filosofia pode ser definida como um exercício da liberdade, visando sobremaneira a própria liberdade; por isso a importância fundamental da fala franca, da *parresía*.

## **2. A vida de Diógenes de Sinope**

Diógenes foi uma figura ímpar na história da filosofia ocidental. Viveu parte de sua vida em um tonel; seu nome e seu epíteto Diógenes, o cínico, significa algo como “aquele que gerado por Zeus, age como cão”. De fato, a própria escola que leva o nome de Cinismo carrega essa marca muito em função de Diógenes, uma vez que seu epíteto cínico, que a rigor refere-se a “cão”, foi utilizado pelos seguidores de Diógenes, o homem que vivia como um cão.

Segundo Luis E. Navia, a mais importante fonte secundária sobre Diógenes de Sinope é a biografia escrita por Diógenes Laércio, obra na qual está incluída as biografias de oitenta e dois filósofos gregos.

Porém sabe-se pouco sobre a vida de Diógenes; além disso, nada escrito por ele chegou a nós. Entretanto, além da biografia escrita por Diógenes Laércio, muitas outras fontes fornecem informações sobre Diógenes. Não cabe aqui fazer referência a todas elas, mas destacar que importantes filósofos como Aristóteles referem-se ao cínico de Sinope. Muito do que se conhece sobre Diógenes está em forma de anedotas (*khreîai*) utilizadas, inclusive na composição da biografia escrita por Diógenes Laércio. Obviamente, grande parte do conteúdo destas anedotas pode ser nada mais que boatos, mas, de certa forma, transmitem uma imagem do filósofo, a qual não podemos omitir. Na verdade, estas anedotas compõem a história do cinismo e da própria vida de Diógenes e serão utilizadas por nós para analisarmos o modo de vida cínico.



Não se sabe ao certo a data de nascimento de Diógenes, sendo que se estabeleceu convencionalmente o ano de 323 a.C. para sua morte, mesmo ano da morte de Alexandre, o Grande. Outra coincidência: os dois teriam morrido também no mesmo dia, porém quanto a isso voltaremos mais adiante.


Sabe-se que teria morrido bem idoso, com cerca de noventa anos, portanto seu nascimento teria se dado em torno do ano de 413 a. C. Outras fontes (Censorino, *De die natali* 15.2) afirmam que ele teria oitenta e um anos quando morreu. Polêmicas à parte, um ponto unânime sobre Diógenes é o fato de que teria nascido em Sinope, cidade localizada na atual Turquia.

Na antiguidade, Sinope era uma cidade grega localizada ao sul da costa do Euxino (Mar Negro) na Ásia Menor; provavelmente era próspera durante os primeiros anos de Diógenes, pois era localizada em uma região estratégica para a prática comercial.

Sobre o pai de Diógenes, de nome Hicésio, sabe-se que foi uma espécie de banqueiro ou cambista. Nesse caso, o que importa para nós é o fato de que lidava com dinheiro e envolveu Diógenes em seus afazeres profissionais. Várias versões a respeito das atividades de Diógenes com moedas chegaram até nós. Cito:

Em um deles, Hicésio aparece incumbido do controle do dinheiro e adulterando as moedas, razão pela qual ele e o filho foram punidos – Hicésio com a prisão, e Diógenes, com o exílio. Noutro, foi o próprio Diógenes quem tomou a peito a adulteração tendo sido, por isso, banido. Em outro, ainda, o jovem, que tinha falsificado ou adulterado as moedas, temendo ser apanhado, abandonou voluntariamente a cidade para esquivar-se do processo. Em algumas versões, são mencionadas várias ligações entre as atividades ilegais de Diógenes e uma sentença oracular de Delfos ou de um oráculo apolíneo em Sinope. (Navia, 2009 p. 31).

Fato é que esse acontecimento gerou histórias sobre Diógenes que, como já afirmamos, muitas vezes é difícil precisar a veracidade de acontecimentos relativos à figura de nosso filósofo e talvez a mais importante seja a que envolve um oráculo. Porém, mais dúvidas: não se precisa qual oráculo exato tenha realizado uma espécie de visão ou previsão a respeito do futuro de Diógenes, porém especula-se que tenha sido o de Delfos. Mas vamos à história: conta-se que um oráculo teria afirmado a seguinte passagem acerca de Diógenes: “desfigurar a moeda vigente”. Esta história é importante pois, primeiro, estabelece uma aproximação entre a vida de Sócrates e a de Diógenes, afinal, Sócrates também teria ouvido uma revelação de um oráculo. Aliás, esta não é a única aproximação que se estabelece entre a vida dos dois filósofos. Segundo a frase proferida no oráculo remete ao passado de Diógenes, ou seja, o fato de ele, juntamente



com seu pai, ter trabalhado com moeda. Em terceiro, o oráculo faz, de certa forma, uma referência ao futuro de Diógenes, afinal podemos interpretar “desfigurar a moeda vigente”, com o fato de o cínico estar em embate permanente com as normas sociais então aceitas e vigentes.

Sabe-se que Diógenes foi para Atenas, e, após ter visitado Delfos, teria recebido do oráculo mais especulações sobre a morda, porém não entraremos neste assunto.

Existe a possibilidade de Diógenes ter estado em Atenas em um período anterior e, assim, teria entrado em contato com o filósofo Antístenes, tendo recebido desse filósofo as primeiras lições cínicas. Antístenes, que morreu por volta de 366 a.C., era um filósofo em revolta contra as convenções sociais e políticas, sobre as quais demonstrava repugnância pelos costumes e convenções da população. Porém, esta associação pode ser apenas mais uma tentativa de associação entre Diógenes e Sócrates, pois Antístenes foi discípulo de Sócrates, e desta forma haveria uma ligação muito próxima entre os ensinamentos socráticos e a vida cínica de Diógenes, sob intermediação de Antístenes.

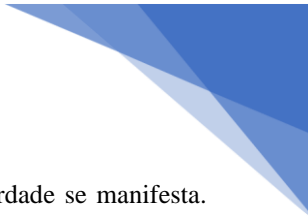
Vários anos depois, após realizar uma viagem a Égina, teria sido capturado por piratas e feito escravo. Em Creta, foi vendido a um homem chamado Xeníades, o qual teria feito de Diógenes o responsável pela educação de seus filhos. Após a morte de Xeníades, conta-se que Diógenes teria ido a Corinto e permanecido por lá até sua morte em 323 a. C. Em Corinto, teria vivido fora dos muros da cidade em um ginásio chamado Kráneion (Crânio) e nesta cidade teria ocorrido os famosos encontros com Alexandre, o Grande.

Após este breve relato, vamos procurar estabelecer uma relação entre a forma de vida de Diógenes e as lições a respeito da *parresía* dadas por Michel Foucault.

### **3. A *parresía***

Em seu último curso ministrado no *College de France*, publicado sob a forma de livro com o nome de *A coragem da verdade*, Michel Foucault trabalha a questão da *parresía*, do dizer-a-verdade, da fala franca, como ele próprio afirma nas primeiras páginas do livro. Desta forma, para Foucault:

Não se trata, de modo algum, de analisar quais são as formas do discurso tais como ele é reconhecido como verdadeiro, mas sim: sob que forma, em seu ato de dizer a verdade, o indivíduo se constitui e é constituído pelos outros como sujeito que pronuncia um discurso de verdade, sob que forma se apresenta, a seus próprios olhos e aos olhos dos outros, quem diz a verdade, ((qual é)) a forma do sujeito que diz a verdade. A análise desse domínio poderia ser chamada, em oposição à das estruturas epistemológicas, o estudo das formas “aletúrgicas”. (...) A aletúrgia seria,



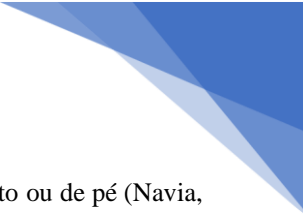
etimologicamente, a produção de verdade, o ato pelo qual a verdade se manifesta. (Foucault, 2011, p. 4).

Ao analisarmos a vida de Diógenes percebemos que ele fez da sua vida a sua filosofia, afinal nada escrito por ele chegou até nós. Na verdade, provavelmente Diógenes, assim como Sócrates, nada teria escrito. Sua filosofia foi uma forma de filosofia de vida e são nos atos de sua vida que encontramos formas aletúrgicas; assim, são nesses atos e na sua própria vida, portanto, que está expresso o seu dizer a verdade.

O parresiasta é aquele que se compromete com a verdade, ou seja, com aquilo que diz e faz, sendo que não o diz e faz, como muitas vezes costumamos falar, “da boca pra fora”. Não, o parresiasta diz e faz aquilo que realmente pensa. Neste sentido, o parresiasta é o oposto do retórico, que procura apenas falar bem, seu modo de falar não o constitui e não é um modo de vida. O dizer a verdade para uma pessoa que assume a *parresía* o constitui como ser humano; dizer a verdade e falar de forma franca está intimamente implicado em sua forma de pensar e agir. O parresiasta, especifica Foucault, se diferencia também do profeta, na medida em que o profeta não fala por si, mas transmite uma verdade de um ser divino. Também, tendo Foucault como referência, o parresiasta não pode ser confundido com o sábio, pois o sábio se retira em uma reserva e guarda para si a sua verdade. Já o parresiasta não, pelo contrário, assume riscos, procura transmitir sua mensagem e não se isola. Aliás, veremos como Diógenes muitas vezes assume riscos e sua forma de vida ia contra as convenções de sua época; era uma vida destinada ao choque e ao confronto com as normas sociais de sua época.

Diógenes Laércio, em sua obra sobre a vida de filósofos da Antiguidade, ao escrever sobre Diógenes, afirma que, quando questionado sobre o que ele acreditava haver de mais belo entre os homens, ele, o Cínico, teria respondido que aquilo que pode haver de mais belo entre os homens é a fala franca, ou seja, a *parresía*. Aqui percebemos o quanto esse conceito era caro a Diógenes. Falar francamente de acordo com aquilo que pensava era a mais bela expressão de uma vida, portanto, o sujeito que queria viver bem e de forma bela deveria sempre e em qualquer ocasião falar francamente, de acordo com aquilo que pensava, ou agir de acordo com aquilo que acreditava:

Nele, deparamos com um homem obviamente inteligente e estudado, vivendo no seio da mais refinada e sofisticada cultura dos tempos antigos, gozando os benefícios da mais aberta e acolhedora de qualquer uma dentre as nações do período clássico e batendo cotovelos com os mais insignes intelectos do mundo ocidental. Ao mesmo tempo, foi ele um homem que travou uma guerra implacável exatamente contra esse mundo, quase como seu único propósito na vida tivesse sido o de solapar seus



alicerces e reduzir a zero suas realizações, nada deixando de intacto ou de pé (Navia, 2009, p. 107).

A vida de Diógenes é a sua forma de dizer a verdade e sua maneira de falar francamente, de agir conforme o seu pensar, custe o que custar, é a expressão aletúrgica. Podemos então concluir que a sua vida expressa a sua forma de filosofar e sua filosofia era sua vida, na forma como Pierre Hadot havia investigado:

A sabedoria era um modo de vida que trazia a tranquilidade da alma (*ataraxia*), a liberdade interior (*autarkeia*) a consciência cósmica. Primeiramente, a filosofia se apresentava como uma terapêutica destinada a curar a angústia (Hadot, 2014b, p.263).

Parece claro que, de acordo com as investigações de Pierre Hadot, a filosofia antiga era uma forma de vida, de tal sorte, que a vida do filósofo estava implicada na sua própria filosofia. Assim, ao estudar a vida de Diógenes estamos estudando a sua filosofia.

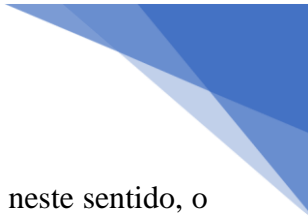
Deixamos claro que não é nossa intenção analisar o termo *parresía* ao longo da história e sua implicação nas formas de vida na qual este conceito está implicado. Nossa intenção é tratá-la como um dizer a verdade, custe o que custar, ou seja, na qual o parresiasta pode inclusive colocar-se em risco ao proferir este falar franco. Neste sentido, como já afirmamos anteriormente, a vida de Diógenes é a sua filosofia, na qual ele está intimamente implicado. Assim podemos dizer que Diógenes pode ser considerado um símbolo da *parresía*, assim como de uma filosofia como modo vida, como veremos quando explorarmos a sua vida em conjunto com sua filosofia, pois são indissociáveis. Como nos explica Hadot, mais uma vez:

A filosofia se apresentava também como um método para alcançar a independência, a liberdade interior (*autarkeia*), o estado no qual o eu depende apenas de si mesmo (Hadot, 2014b, p. 263).

Portanto, veremos que a filosofia foi a maneira encontrada por Diógenes para alcançar sua própria independência, sua liberdade. Sua filosofia tornou-se se modo de viver.

Logo, analisando a forma de vida cínica, mais especificamente a de Diógenes, ao procurar sempre falar a verdade e agir muitas vezes contra os padrões e normas sociais estabelecidos, acaba por viver à margem da sociedade. Porém, não vive fora da sociedade, como muitas vezes faz o sábio, ou, posteriormente, farão muitos monges e ascetas cristãos. Não o cínico; ele vive à margem da sociedade, mas na sociedade. Como a *parresía* pode implicar muitos riscos àquele que aceita esta forma de vida, isto acaba por levar muitas vezes o parresiasta a se tornar um ser errante, como é o caso de Diógenes, que viveu em algumas cidades





como Atenas e Corinto, além, é claro, de sua cidade natal, Sinope. Portanto, e neste sentido, o cínico não vive como um ser que pertence a um determinado local; na verdade ele se sente como um cidadão do mundo, um cosmopolita, termo talvez cunhado por Diógenes, mas sobre isso voltaremos adiante.

Nas palavras de Foucault sobre o que é verdadeiramente a *parresía*, e para que fique clara a associação que pretendemos estabelecer entre a *parresía* e a vida de Diógenes:

*A parresía é etimologicamente a atividade que consiste em dizer tudo: pân rema, Parresiázesthaié “dizer tudo”. O parresiastés é aquele que diz tudo. Assim, a título de exemplo, no discurso de Demóstenes, Sobre a embaixada, Demóstenes diz: é preciso falar com parresía sem re recuar diante de nada sem esconder nada. Do mesmo modo, na Primeira filípica, ele retoma exatamente o mesmo termo e diz: vou expor meu pensamento sem nada dissimular. O parresiasta é aquele que diz tudo (Foucault, 2011, p.10).*

No caso de Diógenes, não só aquele que diz tudo, mas que também age de forma que a sua verdade está implicada neste agir. É o que veremos a seguir.


#### **4. A filosofia de Diógenes**

Vamos procurar traçar agora um panorama da filosofia de Diógenes, sempre destacando o seu aspecto parresiasta, de acordo com algumas lições apreendidas em Michel Foucault, ou seja, com destaque para a filosofia de Diógenes como o que ela é, um modo de vida, uma filosofia que o constitui como sujeito e que está implicada em sua personalidade.

Vamos primeiro procurar compreender o pensamento de Diógenes, não apenas sob sua forma anedótica, mas vamos tentar estabelecer qual o significado de seu agir e de seu falar. Não vamos apenas destacar seus aspectos bizarros, afinal estamos tratando de um homem que, afirmam muitas fontes, era chamado de “Cão” pois masturbava-se em público e morava em um tonel. Portanto, qual a finalidade disso? Era Diógenes apenas um doido, um ensandecido, ou um “Sócrates ensandecido” como Platão teria se referido ao filósofo? Não acreditamos nisso; cremos que o cínico tinha um objetivo; tinha sim uma filosofia estruturada, evidentemente talvez não um sistema claro, mas um prisma racional em suas ações. Assim:

O que distingue Diógenes de outros filósofos e das pessoas em geral, passadas e presentes, é, a bem dizer, isto: que ele reconheceu a pobreza espiritual e a depravação moral de seu mundo e sentiu-se capaz e disposto a denunciá-las por meio da palavra e da ação, sem ao menos uma ligeira reflexão das consequências para ele mesmo (Navia, 2009, p. 153).





O que precisamos esclarecer é que, talvez, Diógenes não se importasse com as consequências para ele. Muito provavelmente seu pensamento teria de ser assim, afinal estar em pleno acordo consigo, estar de acordo com aquilo que Diógenes dizia ser o que fazia um homem belo, ou seja, a *parresía* implicava uma atitude radical, a qual não importavam as consequências.


Vamos tentar estabelecer algumas afirmações que nos parecem ser um fio condutor do pensamento de Diógenes. O cínico de Sinope em suas ações indica uma preocupação filosófica principal: a existência humana. A filosofia deveria buscar uma significação para as nossas vidas e, assim, muitas das preocupações humanas seriam tolices. Ilustra bem esta asseveração sobre o pensamento de Diógenes a anedota contada por Diógenes Laércio sobre ele e Platão, na qual se afirma o seguinte: certa vez estava Platão a falar sobre formas ideais, mesa ideal, copo ideal... Diógenes respondeu que nunca havia visto tais coisas, ao que Platão replicou que o intelecto de Diógenes o limitava a percebê-las e que ele se limitaria a conhecer coisas visíveis e seria incapaz de conhecer conceitos e Ideias. A partir daí, Diógenes passou a se referir a filosofia de Platão como uma coisa inútil e sem sentido, algo vazio que estimulava os homens ao engano, desviando seus olhares da coisa que realmente importava, ou seja, a existência humana, e essa existência deveria ser buscada na simplicidade; portanto o conhecimento suficiente era o ideal para uma vida simples e boa.

Este diálogo de Diógenes com Platão serve para ilustrar outro ensinamento do cínico: a preocupação com o mundo físico, que seria essencial para a busca de uma vida bela. Desta forma o mundo das Ideias de Platão não passaria de um embuste, assim como muitos ensinamentos de feiticeiros. Desta forma:

Se, de fato, Deus é o criador *deste* e nossos corpos são sua criação, como podemos ser levados à conclusão de que não somos deste mundo, nem somos nossos corpos? Esta vida, a despeito de sua brevidade e de suas aflições miseráveis, é a única que temos, ao menos, dessa vez (Navia, 2009, p. 161).

Assim, os cínicos percebem que a vida, esta vida e não uma suposta vida além desta, é que vale ser questionada; é esta vida que devemos levar em consideração e nela que devemos buscar uma excelência e uma bela forma de viver.

Por isso, dada a brevidade da vida, deveríamos viver o presente e não projetar no futuro a busca pela vida feliz. Podemos interpretar algumas ações atribuídas a Diógenes, como o fato de realizar necessidades em público como a vida vivida no presente; a vida simples e não uma vida afastada de nossas naturezas. Para Diógenes, suas ações demonstram um desprezo pelas



distrações dos seres humanos, por isso sua *parresía* teria como finalidade mostrar aos homens o quanto suas distrações e suas convenções sociais são inúteis e vãs.


O que queria Diógenes? Ora, como forma de vida, sua filosofia buscava a felicidade, mas o que ele entendia por felicidade chocava-se frontalmente com o entendimento que os demais homens tinham por felicidade. Para ele, a vida dos homens devia pautar pela simplicidade, por isso vivia como mendigo, afinal há várias histórias na qual se afirma que Diógenes interpelava os habitantes da cidade para dar-lhe esmolas. A ideia de Diógenes era que quem menos tem, menos tem a perder. Encontramos aqui uma forma de liberdade, uma liberdade autárquica, de modo a pouco depender dos outros. Mas viver como uma espécie de mendigo não depende das esmolas dos outros? Ao viver como mendigo, algo que parece ser bem pouco autárquico, Diógenes demonstra com isso que sua forma de vida é autárquica justamente pela razão de que ele quer viver daquele modo, assim não estaria preso a convenções artificiais e vãs, nas quais os homens apenas por obrigação obedecem. Diógenes rompe com essas convenções e sua vida é aquilo que ele quer, realmente. De acordo com Navia:

(...) a felicidade, compreendida em seu sentido grego de (*eudaimonia*, isto é bem-estar), não pode ser definida em termos de bens, prazeres, conforto, poder, fama, erudição, vida longa, nem quaisquer outras coisas similares que, na visão das pessoas comuns, sejam seus componentes essenciais (2009, p. 165, 166).

Devemos viver de acordo com as lições de Diógenes, que advogava em torno de um viver de acordo com a natureza? Mas o que seria essa natureza?

Pode-se conjecturar, de acordo com muitos relatos a respeito da vida de Diógenes, que o que ele pretendia era uma volta a um estado primitivo, a uma animalidade brutal, como o relato no qual, certa vez, ao observar um camundongo, afirmou ter aprendido como viver bem. Considerando o seu famoso epíteto, Cão, também denotamos que Diógenes, como um cão, quer viver de acordo com um comportamento bestial.

Devemos lembrar, contudo, que para os gregos antigos a ideia de natureza apresentava aspectos diferentes do que para nós. Hoje, associamos a ideia de natureza ao mundo selvagem, ou seja, florestas, animais selvagens, etc. Para os gregos da Antiguidade, a natureza representava a ordem lógica das coisas, portanto, o cão vive pela razão daquilo que ele é efetivamente, um cão. Ou seja, faz parte de sua ordenação natural agir como um cão, assim como tudo que existe no Universo. Desta forma:



Assim, a natureza apresentava-se como sendo o modo pelo qual, conforme as leis lógicas que governam o mundo, as coisas penetram o ser e cessam de existir. Expressando essa ideia em uma linguagem deferente, poder-se-ia dizer que “natureza” significa a via natural e esperada que todos os componentes do universo existem ou, no caso dos seres humanos, *deveriam* existir (Navia, 2009, p. 169).

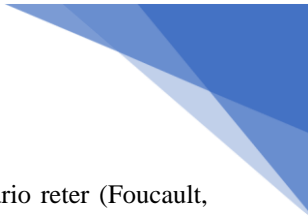
Voltamos ao ponto de como explicar então o fato de Diógenes ter visto um camundongo e afirmar ter aprendido com este animal ou viver como um cão. Como explicar este modo de vida? Aqui nos parece que entra a radicalidade parresíastica de Diógenes.

Segundo um relato de Diógenes Laércio, Diógenes de Sinope asseverava que: “tinha o hábito de dizer que seguia o exemplo dos líderes dos coros, pois que também eles entoam a nota tão alta quanto possível, de modo a se assegurarem de que os cantores vão atingir a nota correta” (DL, 6, 35).

Cabe lembrar que, para Diógenes, a maioria das pessoas não vivia de acordo com a natureza, ou seja, viviam de distrações em vida, segundo ele, vãs e fúteis, perseguindo projetos que na verdade os afastavam ainda mais de sua natureza. Diógenes ao “entoar a nota mais alta” parece querer conduzir ou fazer com que os demais seres humanos percebam quão tolas são suas vidas ou o quanto estão vivendo em desacordo com a natureza, ou seja, que possam atingir a “nota correta”. Mas, Diógenes que “entoa a nota mais alta” não estaria vivendo em desacordo com sua natureza também? Aqui podemos especular algumas respostas. Primeira: mesmo que Diógenes estivesse vivendo em desacordo com sua natureza, ele saberia disso, enquanto que os demais seres humanos, nem ao menos teriam conhecimento quanto a isso, ou seja, há certa aproximação com Sócrates, pois Sócrates sabia que nada sabia, enquanto os outros acreditavam saber, mas na realidade nada sabiam. Segunda possibilidade de resposta: suponhamos que Diógenes efetivamente vivesse como um ser em pleno acordo com sua natureza; de que isto adiantaria? Pois, enquanto Diógenes vive em acordo com sua natureza, os demais seres humanos vivem vidas vãs, fúteis e, portanto, em desacordo com sua natureza.

Nenhuma destas respostas parece-nos satisfatória, afinal segundo o ensinamento presente no livro de Foucault, *A coragem da verdade*, o cínico se posiciona como um “alterador da moeda”. Diógenes Laércio narra várias histórias associadas a Diógenes relatando seu contado com a moeda, seguindo o preceito “*parakharáxontónómisma*” (muda a tua moeda). Porém, moeda pode ser entendida como a lei, o costume. Desta forma:

O princípio de alterar o *nómisma* também é mudar o costume, romper com ele, quebrar as regras, os hábitos, as convenções e as leis. É bem verossímil que, qualquer que tenha sido o sentido originário dessa fórmula, tenha sido assim que ela foi recebida e



compreendida; é isso, portanto, em certo sentido, que é necessário reter (Foucault, 2011, p. 213).

Assim, parece-nos que o cínico atribuía sua vida a uma alteração dos costumes, a mudar tudo aquilo que ele julgava equivocado e incorreto. Cabia ao cínico, portanto, a denúncia da corrupção na vida dos homens; portanto, esse seria o sentido de sua vida. A natureza da vida do cínico é fornecer, por conseguinte, a denúncia da não natural vida dos homens, utilizando-se para tanto “entoar a nota mais alta”, como pretendia Diógenes.

O cínico é aquele que vive de pleno acordo com sua natureza, ao fazer da sua vida uma forma de vida e ao denunciar aos outros homens o quanto sua vida está em desarmonia com a natureza, ou seja, realizar a *parresía*. Claro está que para Diógenes seria possível um retorno a verdadeira humanidade, uma volta a nossa verdadeira natureza, mesmo estando os homens distantes dela, caso contrário a própria forma de vida parresiasta de Diógenes poderia ser completamente absurda. Como retornar a natureza? Através do conceito grego de *askesis*:


(...) por meio da disciplina, expressa em sua linguagem como *askesis* (donde derivamos a palavra ascese), purificamos a mente de confusões e obscurecimentos, e o corpo, de substâncias nocivas e hábitos antinaturais, logrando o fortalecimento da vontade (Navia, 2009, p. 173).

Porém, essa ascese não implica na renúncia total do hedonismo, do prazer, mas se obtém:

Por meio da disciplina, aprende-se a tolerar a dor, o sofrimento e a desenvolver em nós mesmos a indiferença necessária para enfrentar todas as eventualidades, as que sobrevêm por destino ou acaso e as que nos pesam em razão da ação alheia. Por meio da disciplina conseguimos domar as paixões e os desejos que turvam a mente, tornando as pessoas ineptas para o uso da razão (Navia, 2009, p. 173).

O que Diógenes tinha em mente era desenvolver uma vida regrada, embora a asserção pareça de certa forma absurda dada as excentricidades da vida do cínico de Sinope, pois devemos considerar que viver em um tonel e de esmola, de certa forma, é viver com dor e com sofrimento, e isto aumenta a fortaleza, aumenta a autenticidade da vida.

Quanto a isto, devemos lembrar que Diógenes era contra as convenções políticas. Aliás, não importava o meio pelo qual vivia; o que importava era viver de forma autossuficiente, viver de forma autárquica. Para ilustrar esta passagem, evocamos o célebre encontro de Alexandre, o Grande com Diógenes. Segundo algumas fontes, entre elas Diógenes Laércio, Alexandre teria se posicionado frente a Diógenes, mas de forma a fazer-lhe sombra, fato que faz Alexandre



questionar o que Diógenes queria dele, o homem mais poderoso do mundo até então. Responde Diógenes; “sai da frente da luz” (DL, 6, 38). Ou seja, esta passagem demonstra efetivamente a autarquia de Diógenes frente ao grande Alexandre, afinal ele nada precisa dele, tudo o que necessitava era algo absolutamente natural, a luz solar. Lembremos que muitas fontes traçam um paralelo entre a vida de Diógenes e Alexandre, como o fato dos dois terem morrido no mesmo dia e ano. Nessa anedota percebemos a razão de tais paralelos, pois enquanto Alexandre lutava para conquistar o mundo, e de certa forma o fez, Diógenes nada tinha, mas era ao mesmo tempo monarca de si, enquanto Alexandre, ao tudo ter, muito dependia dos outros; além disso, tendo muito, muito poderia perder.


Alexandre, também pode servir como metáfora para o próprio Estado e para a política. Neste caso. Diógenes também prescindia dele, pois tudo o que necessita são coisas simples, como o ar, água, sol, coisas que poderia obter de graça. Outras coisas e outros desejos tendem a ludibriar o homem, o iludindo com o poder, a fama, o dinheiro, a riqueza e as coisas que levavam os homens a viver em desarmonia com a natureza.

Parece-nos que o que Diógenes entendia por autarquia não era a simples ideia de nunca depender dos outros, ou nunca necessitar de nada dos outros:

Uma coisa é compartilhar ou mesmo depender dos outros para certas coisas; outra bem diferente é, porém, viver apenas em função dos outros e minimizar a individualidade.... Dependência de si mesmo e liberdade absoluta são *ideais* (não meras ideias) utópicos, no sentido de que são, no limite, irrealizáveis. Nem por isso, contudo, são elas sem significado ou vazias. Servem como corretivos para a tendência do homem de ser tão completamente absorvido pela multidão e pelo contexto social a ponto de sua individualidade se emaciar e destruir (Navia, 2009, p. 179).

Percebe-se que o que importava para Diógenes é que certa dependência não atrapalhasse sua individualidade, não compromettesse seu modo de vida. Mas, não esqueçamos, essa individualidade não é total, nem poderia ser, pois não é possível dizer que Diógenes pretendia viver só consigo mesmo, como já afirmamos: o parresiasta vive na sociedade e fazia parte da filosofia de Diógenes a denúncia de convenções sociais que, segundo o cínico, afastavam-se da natureza. A busca pela independência, em Diógenes, servia como forma de denunciar uma inautenticidade dos indivíduos perdida em meio ao contexto social no qual estavam inseridos.

Em relação à política existe outro ponto importante que devemos analisar a questão do cosmopolitismo. A palavra deriva de *kosmopolítes*, que significa cidadão dos cosmos. Lembramos que Diógenes era um ser errante, sabe-se que além de sua cidade natal, Sinope,



viveu também em Atenas e Corinto, sem se identificar como um cidadão de nenhuma destas cidades. De acordo com Navia, apoiado em fontes árabes:

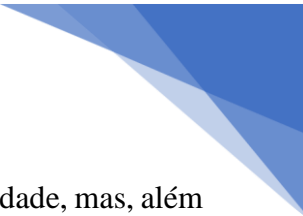
Assim, por exemplo, Ibn-Abi 'Awn relata que quando indagado onde ficava sua casa, a resposta de Diógenes era que sua casa era qualquer lugar em que pudesse encontrar repouso (2009, p. 180).

Desta forma, o cosmopolitismo de Diógenes não encontra fronteiras e não há nações: há apenas o Homem. O Homem existe como ser universal, não amordaçado em vãs construções nacionais. Aliás, o nacionalismo, tão característico dos séculos XIX e XX, o qual levou homens a lutar nas mais terríveis guerras da humanidade, poderia ser causa de verdadeira ojeriza a Diógenes. Perceber-se como um homem universal e um verdadeiro cidadão do mundo suscita uma série de questões, muitas das quais não temos condições de responder: teria Diógenes uma espécie de projeto no qual vislumbrava um mundo sem fronteiras? Não sabemos, ademais estamos entrando no campo da influência de Diógenes, outro aspecto, na qual este humilde escrito não se aventurará.

Diógenes, ao seguir uma vida autêntica através de uma prática filosófica, perseguia a *eudaimonia*, a felicidade. Não sabemos se ele, ao realizar a denúncia de diversas convenções sociais, conseguiu convencer muitos cidadãos gregos, mas conviveu de forma autêntica, tanto que relatos a respeito de sua coragem emitidas de acordo com sua filosofia ecoam ainda hoje.

## 5. Conclusão

Diógenes foi uma figura ímpar, um homem que vivia em um tonel, que realiza tudo em público, um “cão”. Mas, ao longo deste escrito, pretendemos mostrar que, apesar das excentricidades, Diógenes tinha uma espécie de projeto filosófico. Um projeto baseado em conceitos como a *áskeis*, autarquia, mas, sobretudo, na parresía, o falar franco. Diógenes concebeu sua filosofia dando-lhe uma forma que moldava o seu agir. Assim, sua filosofia era a sua vida. Esta filosofia constituía seu ser e seu viver, e implicava uma forma de vida filosófica, desta forma vida e filosofia eram inseparáveis. Por isso, Diógenes não poderia recuar pois, se recuasse, renunciaria a sua própria vida. Por causa disso não tinha receio em agir da maneira que agia, nem tinha receio em ser um parresiasta. Falava de forma franca em qualquer situação, mesmo que esta fala pudesse colocá-lo em risco. Mas, tudo o que falava se dava de acordo com aquilo em que acreditava, isto é, a parresía.



Diógenes queria ser e foi um ser livre com o objetivo de alcançar a felicidade, mas, além disso, percebia sua vida como uma missão: acordar as pessoas de suas ilusões e fazê-las viver de acordo com suas naturezas. Para atingir tal objetivo, o cínico levava uma vida com um domínio de si ao possuir hábitos virtuosos, através do qual ele constituía seu modo de vida.

Diógenes foi um homem que encarnou a filosofia como uma forma de vida, vivendo de acordo com sua filosofia e que, sem dúvida, foi um parresiasta. Uma verdadeira encarnação a respeito daquelas investigações de Pierre Hadot, que procurou demonstrar que a Filosofia Antiga era uma filosofia como forma de vida.

Diógenes foi, sem dúvida, uma expressão de uma filosofia como forma de vida, pois vida e filosofia eram o que constituíam o sujeito conhecido como Diógenes. Por essa razão, a parresía era tão cara a ele, pois o falar franco era necessário a um homem que viveu de forma tão autêntica a filosofia, não se furtando de denunciar aquilo que julgava serem corrupções e tolices criadas pelos seres humanos.

Sem dúvida, ao investigar mais a fundo a filosofia de Diógenes (e por consequência, sua vida), percebemos que as anedotas a seu respeito e sua, em princípio, excêntrica vida, são mais do que mera excentricidade de um sujeito peculiar: trata-se de uma vida dedicada à denúncia de convenções sociais de sua época, assim como a ser um sujeito autêntico, comprometido profundamente com a filosofia, a tal ponto de constituí-lo como sujeito.

## **Referências**

ANTISERI, Dario, REALE, Giovanni. *História da Filosofia – Vol. 1*. São Paulo: Paulus, 1990.

FOUCAULT, Michel. *A coragem da verdade*. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2011.

HADOT, Pierre. *O que é a filosofia antiga?* São Paulo: Edições Loyola, 2014a.

\_\_\_\_\_, Pierre. *Exercícios espirituais e Filosofia Antiga*. São Paulo: É Realizações Editora, 2014b.

NAVIA, Luis. *Diógenes, o cínico*. São Paulo: Odysseus Editora, 2009.

**Recebido: 25-08-2020**

**Aceito: 15-04-2021**